



## Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

### A temporada dos ipês

Estamos em pleno período de fulgor dos ipês-roxos, que abrem caminho para a temporada dos amarelos, dos rosas e dos brancos. Os cientistas previram que as mudanças climáticas afetariam os ipês. De fato, já afetou a floração dos ipês-amarelos, mas os roxos se salvaram neste ano.

Eu acumulo na memória muitas epifanias com os ipês. Eles ganham mais realce emoldurados pelo estio rigoroso. O efeito de êxtase é intenso porque aparecem precisamente quando as árvores trocam as folhas, ficam mais desguarnecidas e

acentuam o cenário desolador. Mas eis que no ápice da seca desponta a floração. Se ocorresse em outro período talvez passasse despercebido.

Uma amiga disse que o que mais aprecia no Lago Sul é o cuidado dos vizinhos com os jardins. Existe uma disputa silenciosa e pacífica para ver quem faz o mais bonito. Embora não seja morador do bairro, me delicio na condição de passante diário. Por lá, é possível vislumbrar inúmeras árvores de ipês-roxos, flagradas de relance, durante a circulação de carro. É a visão

do esplendor, mesmo captado no átomo de um instante.

Certa vez, eu transitava de carro pelo Eixão quando vi uma cena que me deixou aterrado. Vislumbrei uma aglomeração inquieta de pessoas embaixo de uma árvore. Quem é o brasileiro que não vivenciou uma situação dramática ao atravessar aquela pista de alta velocidade atire a primeira pedra. Imaginei algum acontecimento dramático. De minha parte, eu vivi duas, uma com o meu filho João, na época com 6 anos, e com um sobrinho, também de 6.

Felizmente, os dois se salvaram e me salvaram de uma trauma indelével. Por isso, quando vejo qualquer ajuntamento naquele pedaço da cidade eu fico

angustiado. Logo, pensei que alguém teria sido atropelado e os transeuntes prestavam socorro. No entanto, olhei com mais vagar e percebi, claramente, que o motivo do espanto era um florescente ipê-amarelo. Não, não era um acidente de carro, era um acidente da beleza, que Brasília costuma suscitar.

É um sinal de pertencimento inalienável, pois o ipê é um patrimônio coletivo, basta abrir os olhos para usufruir. Seria possível até constituir um calendário floral com eles. A fugacidade é uma de suas marcas distintivas. Parece que em um piscar de olhos, ela pode se perder.

E, durante uma caminhada pelo meu condomínio, assisti a uma cena fantástica: as flores de um ipê-amarelo

de uns 10 metros de altura caíam lentamente na rua, como se fosse uma chuva silenciosa de pétalas. Aproximei-me mais um pouco para me certificar que não estava sonhando. Mas era verdade. Eu apenas assistia a um pequeno milagre da natureza.

A árvore perdeu as flores, mas a visão do esplendor permanece viva em minhas retinas. A imagem dos ipês muda a nossa disposição, nem que seja por alguns segundos, mas com efeito que pode se estender dia inteiro. Mais do que nunca, nós precisamos também da beleza para a nossa sanidade mental numa cidade que nasceu utópica, mas se tornou distópica. Talvez porque, como disse Stendhal, a beleza é uma promessa de felicidade.

# PELO DIREITO DE ser

Organizações no Distrito Federal atuam na proteção de direitos e na garantia de uma vida digna a pessoas LGBTQIAPN+ na capital do país, centro do poder público nacional

» BRUNA PAUXIS

O Distrito Federal tem mais de 87 mil pessoas acima de 18 anos que se autodeclararam LGBTQIAPN+. O número, objeto da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) do Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal (IPEDF), corresponde a quase 4% do total de moradores da região e representa uma parcela de pessoas que luta por direitos diariamente. Mesmo com as legislações destinadas à comunidade, tanto distritais quanto nacionais, a população LGBTQIAPN+ não está totalmente protegida contra o preconceito e a vulnerabilidade social, contando com o apoio de iniciativas feitas por voluntários, que buscam garantir que o DF possa se tornar, cada vez mais, um lugar seguro e justo.

“Vamos do início ao fim em cada situação. Para nós, um caso é tão importante quanto 10 ou 100”, conta Michel Platini, diretor do grupo LGBTQIAPN+ Estruturação. Desde 1994, a organização conquistou e protege direitos da comunidade no Distrito Federal. Com campanhas de saúde sexual, acolhimento, saúde mental e oficinas junto a profissionais de diversas áreas, a equipe também atua junto ao governo nacional e local para aprovar leis e se posicionar como resistência a possíveis retrocessos.

“Estamos do lado do poder, local, nacional e internacional. Nosso papel é diferente de outros grupos do país inteiro. Apesar de nos dedicarmos tanto ao nosso território, temos compreensão de que o nosso papel de protagonizar essas lutas aqui tem um reflexo lá fora”, afirmou Michel. “Recebemos muitas demandas individuais também, como o caso de uma pessoa trans que sofreu um estupro coletivo no ambiente de trabalho. Acompanhamos desde a ida ao SUS até o aborto legal, e à delegacia. Também garantimos que as pessoas responsáveis pelo crime fossem responsabilizadas”, completa.

#### Acolhimento

Oferecendo cursos de capacitação, encontros, feiras, atividades de conscientização e campanhas de doação de cestas de alimento, a Casa Rosa, em Sobradinho, apoia pessoas LGBTQIAPN+ em situação de vulnerabilidade. Fundador do espaço, Marcos Venisson, de 59 anos, conta que sua experiência de vida o levou a querer ajudar outras pessoas. “Desde minha adolescência, já assumido homossexual, meus amigos pediam para ficar em minha casa, muitas vezes por não ter apoio da família ou por estarem em situações difíceis”, contou o aposentado. “A gente não consegue transformar o mundo todo, mas consegue melhorar o mundo à nossa volta se conseguirmos mudar a vida de duas ou três pessoas”, completou.

Bruna Gaston CB/DA Press



O Instituto Estruturação foi criado em 1994 no DF e, desde então, atua na proteção de pessoas LGBTQIAPN+

Cedida ao Correio



Luciene Carvalho, Melissa Navarro e Sandy Larissa dirigem o coletivo Coturno de Vênus

Atualmente, há 124 pessoas assistidas por meio de alimentação, com cestas básicas, ou de apoio psicológico oferecido pelo projeto, que começou como uma casa de acolhimento. “Quando a Casa Rosa nasceu, em 2016, acolhíamos as pessoas que não tinham para onde ir ou onde ficar. Por anos atuamos assim, mas pela falta de recursos não tivemos como continuar”, explicou.

Marcos disse que muitos dos acolhidos precisavam de atendimento psicológico específico e, sem recursos do governo, a Casa Rosa não podia oferecer a estrutura física e profissional que a demanda exigia. “Durante a pandemia, chegamos a ter 22 pessoas em uma casa de três quartos. Foi difícil, mas era o necessário para ajudar”, contou. O fundador da Casa Rosa ressaltou a necessidade do apoio do estado para iniciativas assim. “Nossa equipe é toda de voluntários e vivemos de doações e, muitas vezes, de dinheiro que invisto sozinho. São necessárias políticas públicas para projetos que são importantes não só

Bruna Gaston CB/DA Press



Na Casa Rosa, Marcos Venisson auxilia pessoas em situação de vulnerabilidade

#### Parada LGBTQIAPN+

Este ano a Parada do Orgulho LGBTQIAPN+ será realizada amanhã, 6 de julho, com concentração prevista para as 14h, no Congresso Nacional, na Esplanada dos Ministérios. A iniciativa é promovida pelo coletivo Brasília Orgulho, que atua na inclusão, visibilidade e mobilização da comunidade LGBTQIAPN+ na capital. Para Igor Albuquerque, coordenador do Brasília Orgulho, é essencial visibilizar as causas LGBTQIAPN+ em Brasília, que é lar da política nacional. “Estamos no coração do Brasil, em frente ao Congresso Nacional e subindo a Esplanada dos Ministérios, demandando mais direitos à comunidade diretamente ao Legislativo e Executivo Federais”, ressaltou. Segundo Igor, a manifestação deste ano deve ser ainda maior e mais significativa. “Nossa expectativa é que seja a maior parada da história da cidade, pois temos cinco atrações nacionais se apresentando e também será a primeira vez que teremos o transporte público gratuito”, prevê.

para essa parcela de pessoas, mas para toda a sociedade”, defendeu.

#### Representatividade

Embora a comunidade LGBTQIAPN+ seja extensa e composta por diversos perfis que encontram, em seu dia a dia, dificuldades em comum, a representatividade de cada grupo também é essencial. A Coturno de Vênus é a primeira associação lésbica feminista aqui do DF e completa, este ano, 20 anos de existência.

Desenvolvendo várias atividades, principalmente de mobilização e visibilização da causa lésbica, as mulheres já conseguiram organizar um livro com compilados de legislação e jurisprudência LGBTQIAPN+ do Brasil, em parceria com o Ministério da Justiça, a Anís e o Lesbocenso Distrital, aqui do DF, feito junto a Liga Brasileira de Lésbicas (LBL). “A importância de se ter um coletivo de lésbicas é a questão de mobilizar e dar visibilidade às nossas causas. Óbvio que tem uma causa em comum, que é do movimento da população LGBTQIAPN+, mas tem causas específicas que a gente faz a militância, principalmente na questão de saúde, direitos humanos”, explica a cofundadora do projeto, Melissa Navarro.

De acordo com Tony Bezerra, que tem doutorado em Sociologia e leciona na Universidade de Brasília (UnB), o DF ainda é muito deficitário em termos de políticas para a população LGBTQIAPN+. “Precisamos, por exemplo, que haja mais delegacias como essa nas cidades satélites e no Entorno, que é onde mais ocorrem casos de LGBTQIAPN+fobia. Na área de assistência social, há apenas um Creas especializado em LGBTQIAPN+”, afirmou.

Segundo Tony, as iniciativas de acolhimento são fundamentais, principalmente para pessoas LGBTQIAPN+ em situação de rua, assim como movimentos de visibilização para a causa. Ainda de acordo com Bezerra, a Parada do Orgulho deste ano é mais significativa ainda. “Estamos muito felizes porque temos o apoio do Governo Federal e do Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania que estão marcando presença. Então, a parada LGBTQIAPN+ é um momento de falar de política e, ao mesmo tempo, é uma festa e uma celebração”, ressaltou. “Hoje nós saímos do gueto e estamos em todos os lugares. Lugar de LGBTQIAPN+ não é no armário, lugar de LGBTQIAPN+ é onde ela quer estar. Isso é liberdade, isso é diversidade, isso é direitos humanos”, completou.